

AS OPINIÕES SÃO COMO OS RELÓGIOS; É DIFÍCIL ENCONTRAR DUAS QUE COMBINEM, E TODOS REGULAM-SE PELA SUA -- POPE.

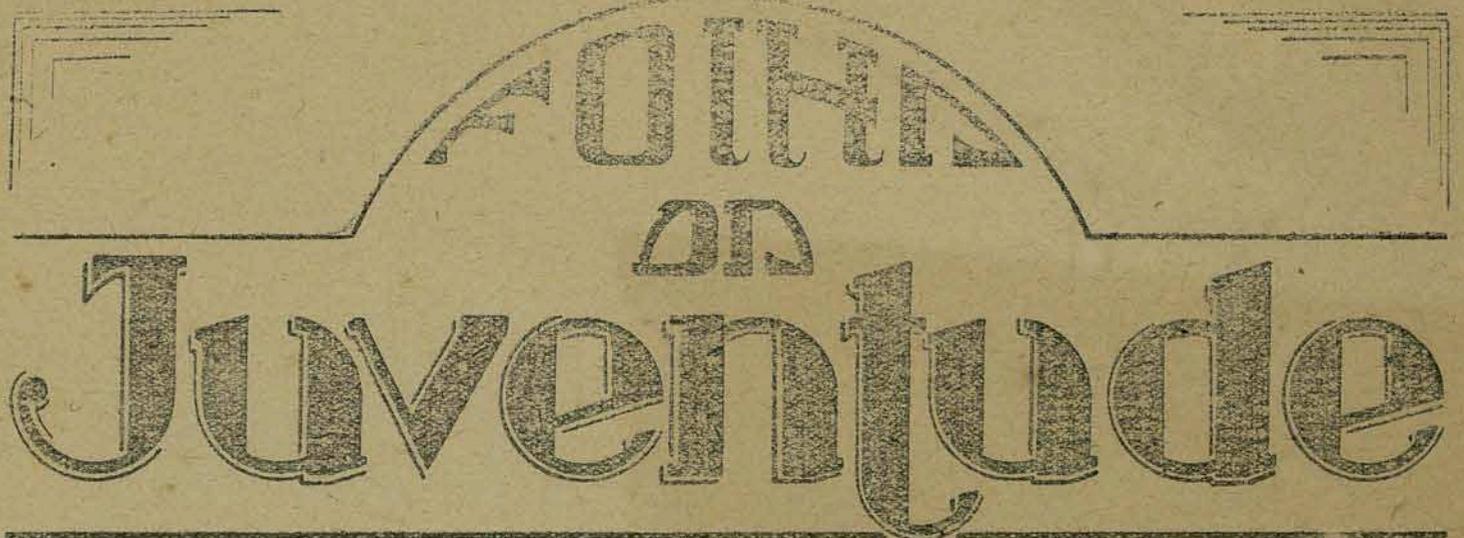
PREZADO LEITOR...

FOLHA DA JUVENTUDE, órgão oficial da A. J. C., é o teu jornal e o de toda a juventude.

Por isso mesmo todo jovem pode e deve colaborar.

O que gostarias de ver na FOLHA DA JUVENTUDE? O que achas da mesma? Tens alguma sugestão a fazer? O formato do mesmo, os artigos, as secções, te agradam? Se não, dá-nos tua opinião que a receberemos com prazer.

Toda correspondência deve ser endereçada para S. MIGUEL, Rua Padre Aguiarinho, 17 — Nesta.



FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA — ORGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE CATARINENSE — ANO I N. 6

Director: ANTONIO PALADINO | Agosto e Setembro — 1947 | Redator-chefe: ADEMAR AMÉRICO MADEIRA

A JUVENTUDE

de Florianópolis e a Campanha da Arte Moderna

Algo de novo surge em Florianópolis, senhores leitores; algo revolucionário, para nós; algo novo visto, até então, nos anais da história literária de Florianópolis. É esta coisa nova; este algo extraordinário, já veio tarde. Bem tarde, senhores leitores. É uma coisa já velha, muito velha. Sua aparição data de 1922. Sua vitória hoje, nas cidades mais cultas do Brasil, é fato que ninguém pode contestar. Surgiu na celebre "Semana da Arte Moderna". Naquela época, deram-lhe o nome de modernismo. Hoje, nós preferimos chamá-lo de Arte Moderna. É uma denominação mais adequada ao "modernismo" de hoje; está mais acorde com a época atual; é uma denominação, senhores leitores, mais lata, mais "moderna".

É e, agora, depois de passados 25 anos do seu aparecimento, que se faz, pela primeira vez em Florianópolis, a campanha em prol da Arte Moderna, senhores leitores. Pela primeira vez, em 25 anos ou mais ainda, a arte, em nossa cidade, passa a ser olhada com mais seriedade, com mais consideração.

Entretanto, senhores leitores, — pensemos bem — que não tinham malio de Andrade (se ainda fosse vivo), Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, etc., se viessem a saber de campanha tão retardada! Talvez se rissessem, com um risinho irônico, compassivo, da obscuridade e do atraso em que vive mergulhada a nossa cidade de Florianópolis. E se eles assim fizessem, nos não os poderíamos culpar de nada, senhores leitores. Eles teriam razão; muita razão.

Outra coisa, senhores leitores: Quantas gargalhadas não darão e bem gostosas — os nossos intelectuais vitoriosos de hoje, caso tomassem conhecimento das reações e do barulho que certos "jovencilhos", aqui de Florianópolis, — "literatos" ainda por cima — fazem contra a Arte Moderna! Rir-se-iam até estourar — se e que não exageramos — e arrimados que não era para menos, senhores leitores: a vista de tanta ingenuidade e de atitudes tão ridículas... quem não trocava aí a comédia do Gordo e o Magro por tal e tão hilariante

passatempo?... Os cinemas de Florianópolis que se cuidem, senhores leitores, não a deus Gordo e Magro, adeus Carlito, etc., etc.

Algo alentador, senhores leitores: A par de tantas e tamanhas incompreensões, a campanha em prol da Arte Moderna, felizmente tem encontrado boa acolhida no seio de um "destacado grupo" de nossa juventude estudiosa. São pessoas mais sensatas, de mais visão, mais sensibilidade. Não se restringiram a tratar, unicamente, das coisas do passado. Seu conhecimento é mais extenso, mais generalizado. Abrange o passado, abrange o presente; tenta alcançar o futuro. E estas pessoas veem com juízo sensato, sem temor, sem espanto, a "verdadeira realidade" do momento que atravessamos. Estão cientes das suas dificuldades. Presentem — nas. Lutam por vencê-las. Combatem. Esforçam-se. E levam o presente para diante; e a evolução, com ele; e o progresso, também. Nunca olham para trás quando querem resolver seus caso de "hoje". Que eles estão a buscar no passado a solução das dificuldades atuais? Eles deixam isso para esses jovens passagistas que ainda ignoram que "hoje" é "hoje" e não "ontem". Para esses espécimes bolorentos de caranguejos humanos; esses amantes simplórios da "marcha à ré", que não querem ficar em paz, e que não querem deixar os "modernos" em paz... E que gente ruinzinha essa, meus senhores! Que gente!... Se esses "nossos amigos pre-históricos" tivessem mais consciência, haveriam, naturalmente, de saber que eles — eles os "modernos" — são muito novos ainda para morrer da doença do riso...

Antes de encerrarmos o assunto, vamos abrir, aqui, dois parênteses, senhores leitores: em primeiro lugar, trata-se das pessoas que têm cooperado, seja diretamente com o seu trabalho, seu esforço; seja indiretamente, pela sua compreensão, pelo seu incentivo, pela sua aprovação, em prol da Arte Moderna. Queremos saudá-las, aqui neste parágrafo à parte, com uma saudação eloquente, uma saudação de "culuba" — desculpem a expressão: é o entusiasmo... — e ardente, e "moderna".

Em segundo lugar, trata-se do Círculo de Arte Moderna. Fazemos referência aqui a "CAM", o jornal deste Círculo. Congratulamo-nos com ele. Saudamo-lo efusivamente, pois, como não podia deixar de ser a campanha em prol da Arte Moderna é seu desiderato, sua luta. Torçamos portanto pela

ODY FRAGA E SILVA COEDUCAÇÃO

I

O tema em si é vasto. Faremos, porém, rápidas considerações em torno do mesmo, procurando chegar a uma conclusão sobre a tese, seus fundamentos e sua necessidade. Sendo um princípio pedagógico, procuraremos estabelecer o tipo adequado de educar, para de pois, entrarmos no assunto.

Educar é, sobretudo, humanizar. Exprimamos o enunciado. O indivíduo é educado, não para possuir conhecimento mais ou menos exato de certas matérias-fundamentais. Estudamos para viver, e dentro deste princípio desenvolve-se a pedagogia prática, ou assim deveria fazer-se. Quando, ao sair dos bancos escolares, o estudante está apto para pensar, estando capacitado a poder examinar e reagir inteligentemente perante o ambiente em que vive; quando estiver com a sensibilidade lapidada, podendo sentir na sua amplitude o belo, através do seu multi-colorido prismatico, quando possuir um senso estético autônomo, fruto da inteligência e do pensamento; e libertado do atavismo do meio em que vive, então, estará educado. A escola ao atingir a sua plenitude quando incute no estudante o sentido da liberdade. A consciência de ser livre e uma atitude de lata intransigente por este direito. Quando o ser estiver possuidor destes princípios, então poderemos dizer estar ele educado; ao contrário, não passa de um simples espelho a refletir imagens lacônicas e sem personalidade.

Para atingir o fim objetivo do fato, educar implica diretamente na prática da coeducação. O tema não é novidade. Platão, sobre isso, já dissertava na sua "República". Coeducar é, no sentido mais simples, a ministração dos ensinamentos, a ambos os sexos. A coeducação tem tido seus defensores, mais e inteligentes, seus inimigos, mais e ignorantes e conservadores. O tema tem implícito, em si, o problema do ensino laico e do religioso. Os educadores religiosos, principalmente católicos romanos, não admitem, de forma alguma, a convivência dos sexos na escola. Usam contra a coeducação, um acervo de

argumentos não muito lógicos, despidos, completamente, de todo o objetivismo realístico. Os defensores do ensino laico procuram princípios mais humanos e fundamentais para a educação.

O aluno fica alheio, na sua formação escolar, ao ensino religioso, cortiqueiro e lógico, que em vez de o beneficiar e malefício e tenacioso.

Estamos, ao entanto, fugindo ao nosso tema. O homem não vive só. Só não vive a mulher. Ambos dependem, entre si, nas mínimas manifestações da sua vida.

Não concebemos, pois, que na vida escolar, no início básico da formação do caráter, não se inicie o preparo para a colaboração entre os sexos. A vida para a juventude é um mistério. Amor, beleza, vida, realidade, tudo isso é envolto em um véu tenue, doce, que impede uma visão mais ou menos clara do horizonte futuro. O tempo de escola é a época das ilusões. Não há coisa que ocupe tanto o adolescente de que o sexo oposto. O dito é lógico e natural.

É, pois, na adolescência onde a coeducação se manifesta como um dos mais elevados princípios educativos. Impede, a coexistência dos sexos na escola, a formação de conceitos absurdos, dá ao sexo um desenvolvimento mais vital, evitando os vícios de imaginação e as práticas não muito saudáveis para a higiene do espírito. A harmonia da juventude, nos momentos mais felizes da sua vida, torna-se mais aptos e mais puros para um fim comum: o casamento.

(Continúa)

A ELEVAÇÃO NO CUSTO DA VIDA

Recebemos do D. E. E. este interessante livro do prof. Lourival Câmara. Trata-se de um profundo estudo das causas económicas da elevação do custo da vida e está vasado em uma linguagem técnica e escurrita. Ao registrar esta nota somos imensamente gratos ao Departamento de Estatística ao prof. Lourival Câmara pelo volume a nós enviado.

AVISO

Avísamos que só serão aceitos os artigos que vierem devidamente assinados e não nos responsabilizamos pelos conceitos emitidos nos mesmos. Os artigos, mesmo os não publicados, não serão devolvidos.

A REDAÇÃO

OLHOS...

(Dedicado à Srta. Denise Pereira, pela passagem do seu aniversário).

C. BOUSFIELD VIEIRA

Eu não gosto dos olhos sombrios,
De olhar tão duro,
Que só vêem a fealdade,
A maldade
Dos homens...
Olhos mortos, vãos,
Olhos que só enxergam no escuro...

Eu não gosto dos olhos otimistas,
De olhar tão sonhador,
Que só vêem a alegria,
A harmonia,
Dos homens.
Olhos fantasistas,
Que só enxergam à luz do amor...

Eu gosto é dos olhos penetrantes,
Dos olhos sinceros,
Hoje severos,
Amanhã tolerantes...
Dos olhos de olhar tão perspicaz,
Dos olhos que vêem
O Mal e o Bem,
A guerra e a paz,
A alegria e a tristeza,
A fealdade e a beleza
Do mundo...
Olhos vivos de olhar tão seguro
Olhos que enxergam no claro e no escuro...

AVENTURAS DE MARK TWAIN

Samuel Langhorne Clemens, que se tornou mundialmente famoso sob o pseudônimo de Mark Twain, embora falecido em 1910 ainda hoje é um escritor bastante lido e admirado. Criador de personagens que se immortalizaram na literatura, como Huck e Tom Sawyer, Mark Twain é principalmente querido pela juventude de todo o mundo, graças ao pitoresco sabor de suas histórias, em que se misturam o humorismo, a ironia e o espírito de aventura. Nasceu de família pobre, em 1835, sua vida até o dia em que alcançou a glória literária, sempre transcorreu cortada pelas mais imprevisíveis aventuras e pelas mais variadas profissões. E essa vida, tão saborosa e tão profundamente simples, é o que éle próprio nos conta em suas memórias, que a Livraria José Olympio Editora acaba de publicar

sob o título de *Aventuras de Mark Twain*, em tradução de Oswaldo Marques, para a Coleção Memórias, Diários, Confissões. Humanas e sinceras, as confissões de Mark Twain estão também escritas naquele mesmo estilo vivo e humorístico dos seus melhores romances, e ainda se fazem notar por uma grande originalidade de concepção; não foram escritas de acordo com os modelos geralmente adotados em tais casos, isto é, seguindo uma ordem cronológica. Ao contrário, foram dispostas no papel segundo a fantasia do autor, que neias se entrega ao sabor da memória, sem nenhuma preocupação de acompanhar rigorosamente as datas dos acontecimentos relatados, o que dá ao seu livro um caráter marcante de originalidade e imprevisão, justificando assim o

QUANDO OS ANOS PASSARAM...

Leitor, você sabe, até onde a imaginação nos levava hoje? Não, voce não adivinha. É impossível de adivinhar, leitor; é impossível... A ideia que a imaginação criou e ousou, demasiado ousada. Ela nos levava para um lugar bem longe, muito longe; tão longe que nos deixava estonteados a princípio; e chocados, e espantados. E nesse lugar então, leitor, eu garanto que nos nos sentiremos cheios de amargor, de tristeza, cheios de decepções, de desilusões...

Todos nós sabemos, leitor, que o "futuro", este ruído dos diabos, vai caminhar sempre à nossa frente. Não nos espera nunca. Nunca o alcançamos. Está sempre numa indefinida ruga do presente, sempre, sempre. E é no "futuro", leitor, e para dentro dele que o "pensamento" pretende dar um salto extraordinário; um salto fantástico, colossal. Vai ver como é que ainda esta nossa Florianópolis do "outro lado"; dar uma omeleta por lá; saber em que pé estão as coisas...

E, para isto, éle pede bastante atenção, leitor. Também calma, muita calma. Psiu! Silêncio! Um momento, agora, leitor, prepare-se! O "Pensamento" vai dar o salto. Olhe! Um... dois... tres... Zu-u-u-u-m-m-m-pam-pam-pam! Pronto, leitor! Ele está no século XXI. Sim, no século XXI.

"Mas, o que! Isto, isto aqui, é que é o século XXI?! Não, não pode ser... Tudo está no mesmo lugar! Tudo como antes!... Nada mudou! Será que eu dei o sal-

to mesmo? Creio que não. Estou, ainda, em 1947. Na mesma Praça XV, sob a vetusta figueira... Ah! está a "Soberana"; lá eu vejo o Café Rio Branco, o Miramar, o "footing"... Ate as mulheres com os mesmos tiques... Os rapazes com os mesmos costumes... Tudo a mesma coisa; tudo, tudo!"

Mas... Mas... Mas... Que diabo! Nosso desolado amigo vê o "Tempo", leitor. Sim, o "Tempo". Corre para ele.

— Te-e-empo! Te-e-empo!

Ele ouve. Para. Olha para trás.

— Oh! Você por estas bandas?!

— Por estas bandas, como?! — pergunta o "Pensamento" — Não sai do lugar nenhum!...

— Não saiu o que, rapaz! Você está no século XXI.

— No século XXI?! Mas não... Não pode ser; tudo isto está na mesma! Nada mudou; nada, nada!

— Florianópolis não muda nunca, — responde-lhe o "Tempo" — Nunca, nunca. Você sabe; a sua juventude...

E os dois continuam a conversar. Conversam muito. O "Pensamento" vem a saber que a arte evoluiu. Que ela deu um grande passo; um enorme "avanço" no progresso. Já não se chama mais Arte Moderna, Chama-se Arte, unicamente. Na literatura, a escola mais em voga usa um método interessantíssimo; os personagens são "conciências". Através delas os romances se desenrolam espontaneamente. Tomam forma. Vi-

O DUALISMO

Por Olinda Pereira

Casas velhas levantadas nos charcos miseráveis das cidades... Casas novas fitando os céus, desafiando o espaço... Bairros pobres, extraordinariamente doentios, Cidades aristocráticas, incrivelmente opulentas... Migalhas de pão na mesa dos que trabalham e abundância de tudo na mesa dos magnatas... Rostos cadavéricos de gente que esmoia, que bebe, que vive nas tabernas, que se viciou e a sociedade não refreia... faces rosadas de gente rica que amontoa o ouro com suor alheio e que não vê, lá em baixo, a marcha da miséria... É o balanço do Tempo... É a sociedade habitada por homens e vampiros, por sombras e por deuses, por famintos e opulentos, É a luta eterna de dois mundos que está em tôdas as coisas: o objetivo e o subjetivo, o material e o espiritual, o sadio e o doentio, o metafísico e o positivo... enquanto a matéria se estende o espírito se estreita... o tempo deve ensinar e os homens não aprendem... nos dias em que os miseráveis fazem sua marcha triunfal e os detentores do ouro não refreiam sua cobiça é-mais triste e difícil acreditar na concórdia dos povos... Epolis. — 10-9-47.

UM PALPITE

Armando S. Carreirão

Era noite. No meu quarto, deitado, eu estava lendo um romance. Uma mosca acordou-se de seu sono e começou a voar. A voar. A voar. Fazia um barulho todo especial. Parecia com o zunido de um avião que voava bem longe. A mosca não descansava. Continuava a voar. Naturalmente ela pensava que era dia. Deixei de ler. Fiquei aborrecido. Tentei mata-la, mas não consegui. Continuou o seu itinerário, de um lado para o outro. Cansou de voar e pousou. Fiquei contente. Reiniciei a leitura. Mas acabei de ler a primeira linha, a mosquinha terrível novamente tornou a zunir. Zum-m-m-m-m-m! Zum-m-m-m-m-m-m!

— Não é possível, — gritei —

próprio título do volume escolhido pelo tradutor.

Aventuras de Mark Twain é o 21º volume da Coleção Memórias, Diários, Confissões, e traz uma interessante capa de Luiz Jaram.

(Nota fornecida pela "Livraria Rosa").

vai zunir no quarto da tua mãe, desgraçada! Ela nem me ligou. Continuou com o seu barulho. E desta vez dando vôos mais baixos. As vezes, passava raspando na minha cabeça, tirando fininhos. Tentei derrubá-la com socos, mas não pude, porque ela era mais ágil do que eu. Driblava-me com uma maestria toda excepcional. Melhor do que Leonidas em seus bons dias.

A mosca cansou-se e pousou novamente. Levantei-me e fui mata-la a tapas. Mas não a alcançava. Aterrizou bem no alto da parede, sem que eu pudesse apalmá-la. Mas mesmo assim, peguei o meu sapato e joguei-o violentamente contra ela. E ainda conseguiu escapar.

Nesse momento, acordei-me assustado. "Mas que sonho horrível! Que pesadelo!" Olhei para cima e vi tantas moscas! E não sabia qual delas me tinha dado tanto trabalho, no sonho...

N. A. — Analise bem e jogue no bicho.

MIRAGENS

ANTÔNIO PALADINO

vem. Empolgam. A técnica também evoluiu. Tudo, todas as coisas materiais, estão em franco desenvolvimento. O progresso escraviza o mundo. Épocas "modernas" ficaram para trás. Esta-se na era das viagens interplanetárias. Faz-se viagens de turismo. Viagens científicas. Viagens a bem da saúde, etc. etc. ...

E a palestra continua, continua. Cai no terreno da filosofia. As horas correm, correm. Da filosofia, a conversa pula para outros assuntos. Novas revelações. Triste sorte! Grandes decepções vem depois: Tudo vai bem, leitor. Tudo é desenvolvimento ilimitado, tudo é século XXI; mas Florianópolis, Florianópolis — pobre cidade! — ainda está dormindo. Sua arte ainda é do século XIX: Sonetos... Frases do tamanho dum bonde... Versos metrificados, rimados... E cronistas esportivos escrevem "classicamente". E filósofos incompreendidos escrevem incompreensivelmente. E jornais displicentes publicam verdadeiros "aba-caxis"... Enquanto que — pior do que tudo ainda, leitor — a técnica "destrebebehada", a técnica da desordem e da confusão, vai astixiando sua literatura, vai "enterrando" seu jornalismo... E no século XXI, os homens de bom senso não leem os jornais, leitor. Contentam-se, apenas, em conhecer o nome de seus artigos. Apenas isto. Mais nada. Florianópolis — grande infelicidade — é uma cidade fan-

tasma. Está vivendo dois séculos dentro do passado. No passado — é bom frisar — sim, no passado. E ela vai morrendo, leitor, morrendo, morrendo; aos poucos, mas inexoravelmente.

E a conversa não para. Continua ainda. Vai muito bem, muito arvigareira, muito animada, ate que, de subito, sem que o "Pensamento" o esperasse, o "Tempo" começa a cochear no seu ouvido esquerdo: Ai, então, foi um pesadelo! Ele ficou pasmado, leitor. Sinceramente; pas-ma-do.

— Escuta, meu amigo — cochicha o "Tempo" — Bzzzzzzzzzz! Bzzzzzzzzzz!

— O que! Não diga isto! É verdade mesmo? É verdade?

— Nua e crua, meu amigo.

— Quer dizer, então... Não se pode ler à noite?

— Ainda não, meu amigo. Ainda não...

— Ora bolas! Ora bolas! Eu vou dar o fóra disto aqui... Vou dar o fóra... Vou dar...

— E já vai tarde, meu amigo. Bem tarde.

... e éle, envolto em trevas, focando na sua própria escuridão, tornou ao ano de 1947. Seu "coração" pesava, pesava... Não de constrangimento, não de tristeza, não de amargura... E que éle queria desabarar, leitor; desabarar toda a sua revolta, queria sim, queria muito; mas, — ora pipocas! — não adiantava...

NOTA FINAL: Enquanto a juventude de Florianópolis estiver dormindo, o autor desta página se considerará profeta; um profeta moderno, sem barbas e outros leões-jeros mais...

UMA TENTATIVA DE
RESPOSTA

Aulicus

Tentar uma resposta ao autor de "Poesia Rimada e Poesia Moderna", seria extremamente monótono e cansativo. Para nós e para os leitores. Expliquemos: e que teríamos de analisar e criticar todo o artigo, pois todo ele está repleto de conceitos falhos, de frases feitas e ócas, sem o menor sentido. Falar em "irrismo estonteante da beleza", em "despeito modernista", em "valor perentório e insonsmável dos cultores da rima", em "desconexibilidade" de sua nova poesia" e que tais, não é resposta, é o mesmo que não dizer nada. É pura e simplesmente encher papel. E é isto justamente o que O. Ronilla faz. O que é preciso e ver a realidade, analisar os fatos. Somente assim conseguiremos alguma coisa. E os fatos, o que dizem? E qual é a realidade? E o que pretendemos demonstrar, para não deixarmos, completamente, sem resposta a crítica de O. Ronilla ao nosso trabalho anterior. "Apostamentos para uma nota sobre Poesia e Poetas". Vamos, assim, fazer rápidos comentários ao artigo de O. Ronilla, "Poesia Rimada e Poesia Moderna". A dificuldade é que o citado artigo tem tantas e tão evidente contradições que não sabemos por onde iniciar.

Tomemos o título. O. Ronilla foi infeliz, a começar por ele: "Poesia Rimada..." O conceito que ele dá à poesia antiga é falho. Poesia não é e nunca poderá ser rima. A poesia, seja ela qual for, transcendendo de rimas. A poesia está na ideia, na maneira de dizer as palavras, no sentido que se dá às mesmas, no sentimento comum — do autor ao leitor — que ela exprime e transmite. Não em rimas, ou métricas, ou mesmo na poesia moderna. Porque, se poesia é o que o artista tem a dizer ao mundo, desde que ele o diga, desde que ele dê a sua mensagem, não importa o modo, uma vez que ele esteja dentro do espírito da época em que vive. Abastar-se disso, para seguir quaisquer regras que sejam, é ser infiel a si mesmo, é trair a si mesmo e ao mundo.

Ao falar em "poesia rimada", ao dar este título ao seu trabalho, O. Ronilla já começou mal e errando.

Analisemos, agora, a primeira frase do artigo: "A arte é a forma exemplificada da beleza". Primeiro, fiquemos de acordo a respeito da palavra "beleza". O que é beleza? Qual a definição de beleza? O sentido da palavra "beleza" é muito elástico, é por demais lato, para caber numa definição qualquer. Pois que a beleza é por demais subjetiva. Para nós, a beleza, é a visão íntima que cada um de nós tem do mundo exterior. É coisa só dele e que não pode servir de regra geral. Por isso, nós não podemos dizer com convicção, dogmáticamente, "isto é belo"; "aquilo não o é". Podemos dizer: "isto é belo para nós"; "aquilo não o é". Sim, porque o que nos parece ser a beleza, será talvez sem beleza alguma para os outros. Dizer pois que a "arte é a forma exemplificada da beleza" não está de acordo com a realidade dos fatos. A arte é a forma exemplificada da vida, seja ela bela ou não. A arte fixa a vida e não a beleza que é por demais relativa ou então, a "arte é a forma exemplificada da nossa beleza, do que o nosso íntimo convencionou chamar beleza".

Desde o início que se tem procurado dar uma definição à beleza. Platão dizia: "é o esplendor da verdade". Mas, perguntamos nós, o que é a verdade? Até hoje ainda não se "descobriu" o que é — ou melhor, qual é a definição da beleza, e por isto dizer que a "arte é a forma exemplificada da beleza" seria conhecer-se o que é a beleza em si mesma...

A arte, conforme Zola, é a natureza vista através de um temperamento, ou então "arte é aquilo que impressiona os nossos sentidos".

Só porque "consagrados vates da antiguidade cultivaram-na e aperfeiçoaram a poesia, não a rima, conforme diz o articulista. E é bom notar, que para a época que viveram, também os nomes que O. Ronilla cita desordenadamente, foram inovadores e não conservado-

res) não é motivo nem razão para que nós os imitemos. Nós devemos pensar por nós próprios. E concluir. Só porque fulano, no passado, foi tal coisa e disse e fez tal coisa, nós nos devemos guiar por ele? Seguir somente a rota que ele seguiu? Não! A época dele, e as condições em que ele viveu foram outras, hoje tudo é diferente, as condições mudaram, e devemos ver a nossa maneira a realidade do nosso século e não a dos séculos que já se foram. Veneremos, se quisermos, os antigos, entoe-mos-lhes louvores, mas vivamos uma vida nova e nossa.

Se os artistas, veem o mundo deformado, caótico, devem apresentá-lo assim. Quanto a falar em "riscos traçados estupidamente ao acaso, pela superfície lisa da tela", se o ilustre articulista só compreende o que vê claramente delimitando diante dos olhos, não temos culpa. É preciso notar que pintura não é fotografia. Na pintura, como em todas as demais artes, o artista deve dar algo de si mesmo, não somente copiar. E, dos milhares de quadros de todos os tempos, os que permanecem até nós, são justamente estes: os que têm alguma coisa de seu autor e não os que transportam unicamente o modelo à tela.

Em nosso artigo, não dissemos que os artistas românticos bebiam por causa de sua arte, mas sim porque estava no espírito da época. Foi, todos o reconhecem, a época dos deuses do romantismo, das loucuras coletivas, dos suicídios em massa, das atitudes e tiradas trágicas, quando era belo ser exótico, diferente. E Lord Byron nada mais foi do que o protótipo da época que viveu. Ele a representou com perfeição. Quanto aos demais nomes que citamos, basta tomar qualquer biografia e se verá a verdade do que dissemos.

Não se compreende e não se pode estudar o homem fora de seu meio, de sua época. Querer trazer os vultos do passado, e estudá-los à luz do nosso século XX, é absurdo. É o mesmo que querer ressuscitá-los ou imitá-los. Só faremos torna-los ridículos — e tornarmos-nos ridículos quando os tentamos imitar. Estudemo-los no meio, no ambiente em que viveram. Ai sim, os compreenderemos.

Falar em despeito modernista ou não despeito modernista não resolve o caso. Devia, o autor de "Poesia Rimada e Poesia Moderna", citar os fatos do despeito modernista. Porque, alacar, não é despeito. Despeito, si mesmo o houvesse, seria do autor de "Poesia Rimada..." Só tem, despeito quem vê que está sendo derrotado, quem está em desespero de causa. Este sim, diz as coisas impensadamente e sem analisar. E a poesia moderna já venceu em toda a linha.

Venceu pelo seu maior poder de assimilação, pela sua maior verossimilhança com o nosso momento. E, como disse Antonio Paladino, o modernismo também vai passar, quando a sua época passar.

Se em Florianópolis éle ainda permanece desconhecido, não tem culpa. Florianópolis, como bem o salientou Anibal Nunes Pires, em matéria de arte "anda por três ou quatro lustros na traseira".

Os modernos não dizem que a poesia deles é melhor do que a passada. Dizem que ela é mais livre, mais maleável, mais humana — o que é inegável. E dizem que ela é da época e para a época — o que também é inegável. Não há melhor ou pior, por ser de uma ou outra época. Há boa e má poesia — e isto em todas as épocas. Uma passou — a clássica. (Não a poesia rimada, como quer O. Ronilla, que poesia não é rima). Outra vive e um dia passará — a moderna.

Ambas refletem um momento histórico do mundo e dos homens. O que dissemos é um fato mais do que provado. E não é só na poesia, mas nas demais artes, nas ciências, etc. Bem, este é um leve apinhado do que se poderia dizer do artigo de O. Ronilla. Não fora a falta de tempo — que não podemos perdê-lo em dissecar semelhantes artigos, quando temos tarefa muito mais importante a fazer — e muitos outros pontos passíveis de críticas, seriam por nós estudados e comentados.

Mas, não queremos terminar, sem antes lançarmos daqui do nosso cantinho, um apelo aos Ronillas que pululam em Florianópolis: "que medtem, que pensam" estu-

O ESPERANTO E A

LITERATURA

W. J. Mattos

A literatura brasileira, conquanto não seja muito rica, oferece ao estudioso um campo bastante vasto para palmilhar.

Urge, porém, que se traduzam muitas obras de autores estrangeiros, afim de serem lidas pelos que só conhecem a nossa língua. Mas muitíssimos livros bons nunca serão traduzidos para o português. Porisso desconhecemos por completo a literatura de diversos países, que é, na maioria das vezes, muito diversa da nossa.

Que dirão, pois, os que não falam nenhuma língua estrangeira? Deverão ficar na ignorância das maravilhas que são do conhecimento de outros povos?

Não. Para isso temos o esperanto, língua neutra de fácil manejo. Livros, dos quais não há nenhuma edição brasileira, são editados, aos milhares, em esperanto. Uns, traduzidos do chinês, japones, húngaro e diversos outros idiomas; outros, escritos diretamente, em esperanto. Entre esses há verdadeiras joias literárias.

O poeta polonês V. Devjatnin escreveu pequeno e gracioso poema — Sipeto (Barquinha), do qual faço a seguinte tradução livre:

Pequena Barquinha
Com branca velinha,
Navega tranqüila no mar;
Mas, ondas, o vento
As faz num momento
E faz a barquinha afundar.

Observe-se a interessante comparação que faz o autor na estância seguinte:

E o homem, coitado...
De fé bem dotado,
Habita, tranqüilo, este mundo;
Mas fuge a sua fé
E ruge a inaré
E o homem sucumbe no fundo.

Mas, somente no original, poderá ver-se toda a graça sutil deste poema:

Malgranda sipeto
Kun blanka veieto
Nagdas trankvile sur maro;
Sed venis ventago,
Farigas ondego
Pereis sipet' sub akvaro.

Kaj homo mizera,
Kun kredo sincera,
Vivadus trankvile em mondo
Sed kredo forblovis,
Ondego sin movis
Kaj homo peras sub ondo.

dem e analise antes de escrever, para não dizerem coisas como "poesia rimada", "valor perentório insofismável dos cultores da rima", etc. Vamos mostrar que já podemos "nos sincronizar com o tempo", que não andamos mais "três ou quatro lustros na traseira", que acompanhamos o surto de inovações que vai pelo Brasil em fora. Vamos mostrar, que, aqui, estamos fazendo alguma coisa decente e digna, que estamos vivendo e não vegetando, que estamos no mundo real e não no da lua.

E agora, concluindo, transcreveremos alguns trechos do prefácio que, em 1935, Leão de Vasconcelos escreveu para o livro "Rouge Sentimental", de Judith Nunes Pires: "Sofre a poesia crise de morte, no mundo. A do passado ficou parada como num túmulo.

"A poesia antiga, vamos dizer ortodoxa, de tanto ser reproduzida, através do tempo, nas suas diversas mutações, com as mesmas mesmas metáforas e imagens, com idênticos processos, chegou aos nossos dias como um pasticho evidente e caracterizado.

"Liberdade absoluta de pensamento. Cada um que faça o seu próprio caminho e apague o suleo que fez...

"Há, destarte, mais poesia em certas frases, pensamentos trechos, do que se convencionou chamar "prosa", do que em milhares de sonetos e quadras rimadas e metrificadas, com hemistiquios corretos e acentuações perfeitas. Em suma, a poesia existirá na natureza. Em si mesma. No motivo. Na imagem. No subentendido."

ESCOLAS ECO

Por A. A.

A organização de um Estado tão adstritas duas importantes, mas funções: 1) Função Jurídica, na qual o Estado baseado nas normas do Direito, estabelece o que pode ou não o indivíduo fazer, bem como sua segurança e liberdade; relações internacionais, etc., previstos nas normas constitucionais; 2) Na Função Social, cabe ao Estado atender aos interesses coletivos, no que concerne aos fatos econômicos-sociais.

Decorrem disto, três teorias principais, quanto as características estruturais de formas de Estados:

1) Não intervencionistas: São os liberais; são os que acham que o Estado não deve intervir sobre o indivíduo no que se refere às suas atividades na produção, circulação, etc. O Estado deve iniscuir-se tão somente como elemento que assegure sua integridade política e a manutenção da ordem interna.

2) Os Anarquistas: São de opinião que o Estado não deve intervir de forma alguma, isto é, negam decididamente sua intervenção. Cada qual deve agir de conformidade com sua livre e espontânea vontade.

3) Os socialistas: Optam por uma rigorosa intervenção do Estado, não além do que almejam os liberais, isto é, que intervenha aquele órgão sobre todos os fatos políticos-econômicos-sociais.

Idéias mais avançadas de Economia Política, surgiram tão somente com a Revolução Francesa, que novos horizontes trouxe ao mundo daquela época.

Merecem citação os precursores de três sistemas, os quais, sem se demonstrarem brandos como os liberais, nem rigorosos como os socialistas, deram ao Estado uma função intermediária entre os dois sistemas: intervenção de uma maneira orientadora.

O "Mercantilismo", de Cronwel, apoiado por Frederico o Grande, deliberou a proibição da importação estrangeira, adotado altas tarifas aduaneiras, e, protegeu os produtos nacionais, pois segundo suas teorias, um país seria mais rico, quanto maior fosse o metal amoeado. A não observância das circunstâncias da época, trouxe grande embaraço da produção interna. A falta de braços causada pela emigração forçada pelos mouros, e para Novo Mundo, foi motivo de extrema crise interna.

No "Colbertismo", Colbert, ministro de Luiz XIV, teve uma visão mais larga aperfeiçoando pontos falhos no sistema de Cronwel: taxou pesadamente os produtos estrangeiros similares aos seus, enquanto sabiamente diminuiu o custo de entrada de matérias primas exteriores. Assim, estas graves lacunas antes verificadas foram sanadas.

Law, nascido na Escóssia, propôs ao governo frances uma brilhante ideia, na qual comprometia-se livrar a bancarrota que então se avizinhava.

Expondo seu sistema, que seria uma instituição bancária, com atribuições legais de emitir notas bancárias pelo dinheiro amoeado depositado, emissão esta que seria na proporção de 1 para 10, proporcionaria uma circulação decuplicada ao dinheiro, assegurando ainda, que o reembolso não verificaria-se a mais do que uma décima parte daquele valor, coincidindo precisamente com o valor em depósito.

A proposta aceita, desde o início foi-se coroando de incalculáveis êxitos. Porém, a desmedida expectação e o elevado número de ações que entrou em circulação mais tarde, determinou tão desastrosa desvalorização, que não se fez tardar a bancarrota levando à miséria milhares de famílias.

AOS CLUBES JUVENIS

As páginas da nossa folha acham-se ao dispor de todos os Clubes de jovens. Remetam suas notas de convocações, resultado dos jogos, reuniões literárias, para a nossa redação.

MAGINA DE ARTE MODERNA

Direção de - ANIBAL NUNES PIRES

UM ARTIGO EMBARALHADO E IDIAS AS AVESSAS

Eleg

Há uma coisa perigosa para quem se lança em altos vãos — definir. Eu sei de gente que há muito quebra cabeça para arranjar uma boa definição para coisas tais como arte, beleza, poesia, etc. Essas pessoas de bom senso, porém, preferem calar, sabendo que todos os conceitos são relativos. Eu, por exemplo, posso me encantar com uma poesia de Manuel Bandeira, enquanto o Sr. Ronilva (porque tem ele esta mania de inverter tudo?) tenta descobrir o sublime autor da poesia rimada:

"Batatinha quando nasce,
Estende os ramos pelo chão;
Criancinha quando dorme,
Põe a mão no coração

Mas deixemos de lado as definições; em último caso elas passarão, se não fosse o que vem depois: Dante, Virgílio, Homero, numa antiguidade muito remota, enquanto que num amigo "tete-a-tete", Camões conversa com Hugo e Goethe. Se o que importa é a época, melhor seria Camões companheiro de Dante, se os separam três séculos. Além do mais, se Virgílio visitou o inferno com o grande florentino, foi só num rápido passeio, porque depois achou melhor voltar as suas "Bucólicas", mais doces, a pesar de não rimadas, e com menos rixandade entre gueiros e gibermos.

Seria interessante notar que a arte evolui, como a sociedade evolui e se transforma, e quaisquer manifestações artísticas esta presa ao tempo em que se dá. Por mais que queiram os modernos cultores das "belas formas", no meio de tanta velaria na salpicada de D. D. T., assim como o grande Raune nos apresentou gregos e romanos com os defeitos, as bondades, os vícios e os ideais dos franceses do século XVII.

Além do mais, poetas, pintores e escultores, que são hoje o "como deve ser" da arte, foram, em sua época, sangue novo, revolução, eles mesmos ficariam muito tristes se em seu nome se pregasse a cristalização e se anquilosasse as formas artísticas.

Eu não me vou referir aqui à verdadeira salada de escolas e tendências que o enciclopédico articulista faz, sem levar em conta que elas são diversas etapas de um desenvolvimento histórico sem solução de continuidade, colocando-as todas na cesta do bom e do perfeito, dando muito trabalho e eu haveria de feri-lo dizendo que os antigos, como os modernos, tiveram suas rainhas, e entre eles também houve os que forjaram "exemplos de beleza", quero somente chamar a atenção de que fica feio para um moço tão culto colocar Cézanne junto com Picasso, porque um deles foi impressionista e o outro não. (Sabe qual deles?)

E pena, mas por mais que queira, Fortunari pintando as fazendas de café e o nosso camponês não pode achar crianças coradas e homens "à 1ª Tarzan", não é culpa dele.

Nem Lula, gravando em suas telas a seca do nordeste, pode pintar grupos sadios em alegre sara-bandá. E por isso mesmo que Oswald Teixeira se resume a colorir Ledas e outras "belas formas", que por certo Copacabana apresenta à vontade.

Quem for cantar o Brasil terá que ver nele miséria, e luta, presente árduo que construirá um futuro melhor; e a culpa não é nossa, se o gemido do "pracinha" tuberculoso e abandonado é mais forte e impressionante que o doce canto do sôfia.

Os artigos de hoje estão junto com o povo, lutando com ele. Já se foi o tempo das torres de marfim. Por isso, as manifestações artísticas são fortes, violentas e apresentam a feia, trágica e magnífica beleza da vida e desagradam naturalmente aos que querem manter esse estado de coisas. Existem, por certo, os que possuem inteligência prostituta que dá seus favores, a quem melhor pa-

ESCURIDÃO

Luiz Henrique Batista

Oh! Profundo abismo...
Oh! gélido refúgio
De santos e perversos...
Não sei se te odeio
Ou te estimo.
Tu és a vida porque em ti eu sinto tudo,
Te és a morte porque em ti não vejo nada...
Se estás comigo,
O mundo não existe.
Se não estás,
Tudo existe.
E eu não existo mais.

"O RETRATO DA HUMANIDADE"

J. D.

Acordei-me nesse dia mais tarde do que nos dias anteriores. O Sol já de longe. Uma apatia enorme invadia-me todo: meus braços doíam, minhas pernas pareciam cansadas de uma longa caminhada, meu cérebro fervilhava, tudo era confusão, nostalgia. Pouco a pouco, como um verdadeiro ocioso, fui me levantando. Espreguicei-me, lavei-me e fui sentar-me à mesa, para matar o jejum daquele novo dia. Minha mente, embora em menor escala, ainda estava em turbilhão.

Comecei a ingerir os primeiros goles do saboroso café da manhã: aí e que me clareou um pouco a ideia. O torpor, em que me achava envolvido, começara a sumir-se, lentamente. Fiz um esforço de memória, e então, comeci a lembrar-me, gradualmente, que havia sonhado. Que sonho! Que confusão!

— Era um recanto cercado de vegetação compacta, cujo solo era coberto de uma reiva macia e bem esverdeada, que servia de "habitat" a um rebanho de inúmeros cordeiros. Aí viviam tranquilamente, fazendo o que mais lhes aprouvesse: saltando; pulando, ora aqui, ora acolá; comendo as horas em que o estomago requeria alimento, na mais completa harmonia, na mais ampla paz das servas. Aquele local parecia ser-lhes propriedade. Mas a paz e harmonia tem um reinado efêmero.

Não demorou muito, para que o sossego ali reinante fosse despertado por estridentes uivos de ferozes lobos, que logo assomaram à entrada daquele sítio. Nada respeitaram, devastaram tudo, trucidaram a quase todos os cordeiros indefesos, que não puderam escapar à fúria sanguinolenta: os mais velhos, mais habéis conseguiram fugir a tempo; porém os mais jovens, lograram escapar, mas com o corpo em profundos cortes, de onde o sangue vertia copiosamente. Outros, vendo a impossibilidade de fuga, lutaram em vão, pela sua subsistência. Os que conseguiram fugir a barbafe desenfreada pela acaféia feroz, estavam semi-vivos.

E, os atrozes lobos, que tudo devoraram, exaustos, cansados, puseram-se depois a dormir calmamente na reiva amassada e tinta de sangue, pela sua crueldade. Deixaram-se assim ficar durante um longo tempo e, ao acordarem, uivaram, e lá se foram, talvez, em busca de outra presa fácil, semeando dores, destruindo, e, lançando a semente fecunda do ódio, entre os animais.

E, foi a esta altura, que me acordei espavorido, ofegante, e só agora, na hora do café é que fui associando o sonho que tivera. Pus-me então a compará-lo com a Humanidade, com essa que, paradoxalmente, denominamos de Humanidade, a esse conjunto de povos, onde há cordeiros indefesos e sossegados, e onde, também há, os mais perigosos e bárbaros dos lobos.

N. R. — Este artigo sai nesta página por falta de espaço na 3ª.

gar, esses porém passarão com o tempo; os cultores das feias "belas formas", com rima ou sem rima, irão para as Academias de Letras ou mais diretamente para o esquecimento.

Só para evitar uma segunda "cincada", quero avisar ao articulista que a poesia é hoje ritmo também, muito ritmo, mas tudo isto rodeando alguma coisa, ideia, sentimento, e não o vazio...

POLEMICA SOBRE ARTE CLASSICA E MODERNA

Atendendo ao cordial convite do sr. José Medeiros Vieira, digno presidente do C. C. C., varios membros do Circulo de Arte Moderna compareceram à ultima reunião daquele clube cultural.

A abração da noite era uma polémica cordial entre José Tito Silva, defendendo a arte classica e atacando a moderna, e Guy F. e S., defendendo a arte moderna. Guy F. e S., ocupando a tribuna, dissertou sobre a arte Moderna e Circulo de Arte Moderna, respondendo com argumentos e à altura todos os apertes de que foi alvo.

José Tito Silva em seguida apresentou sua tese, que careceu de argumentação. É preciso frisar, no entanto, que o sr. Tito foi por demais pessoal e introspectivo em seu trabalho.

Uma coisa é certa e não temos medo em afirmá-la: os princípios defendidos pelo Circulo de Arte Moderna foram plenamente vitoriosos neste primeiro embate.

Falaram também os senhores José Medeiros Vieira, Anibal Nunes Pires e Nilo Dias.

Não podemos regatear elogios ao cavalheirismo e espirito democrata do presidente do C. C. C. e seus dignos pares.

BALADA DA NOITE SEM LUA

Guy F. S.

Noite.
Noite triste de inverno.
Escureção.
Homem procura a luz.
Homem não encontra a luz.
Noite.
Noite sem lua.
Sem futuro e sem fim.
Noite do desespero.

Angustia.
Homem quer luz.
Luz radiança,
luz viva.
Negro.
Trevas cercam o homem,
que deseja luz.
Homem sofre na noite sem lua.
Homem ama a luz.
Homem só vê o negro.
Homem chora de dor.
Homem canta,
tristonho,
sozinho, a balada da noite sem lua.
14-9-47.

DIRETORIO ACADEMICO "XI DE FEVEREIRO

Recebemos do Diretorio Acadêmico "XI de Fevereiro", o seguinte officio:

Florianópolis, 2 de setembro de 1947.
Exmo. Sr.
Temos o prazer de comunicar a V. Excia. que tomou posse, nesta data, o Diretorio do Centro Acadêmico XI de Fevereiro, eleito em 11 de agosto proximo passado, para o periodo 1947-1948, e que está assim constituído:

Presidente: Hamilton Valente Ferreira.

1º Vice-Presidente: Lidio Martinho Callado.

2º Vice-Presidente: Walter Wanderley.

1º Secretário: Hélio Saciloti de Oliveira.

2º Secretário: Jairo Silveira de Mattos.

1º Tesoureiro: Dilermando Brito.
2º Tesoureiro: Licio Auer.

O ANIMAL, QUE ME MATOU, FOI O HOMEM

Anibal Nunes Pires

Fiz-me pequeno. Pequeno quanto a imaginação do homem possa imaginar. Tornei-me o infinitamente pequeno dos grandes matematicos. Virei pó, virei partícula, transformei-me em microbio.

O mundo se me apresentava, então, infinitamente grande; eu tinha, porém, conservado todas as faculdades do homem normal.

Absurdo!

Não.

Eu pensava, eu compreendia, sentia, e ouvia e enxergava todas as coisas na sua grandezza relativa.

Eu transportei o mundo mediocrino para o mundo dos princípios, mundo em que os homens vulgares não podem penetrar. Nesse mundo maravilhoso, a velocidade média dos indivíduos era comparável a do pensamento daqueles que vivem na mediocridade apavorante, entre os dois infinitos. Com que facilidade se atravessava os corpos que os homens dizem solidos! Conhecía todas as dimensões e compreendia bem a 4ª a 5ª a enésima dimensão; gritava e ensinava, na daquele mundo, aos homens, porém a minha voz, os homens deste mundo não na ouviam... eles eram fortes demais para ouvir uma voz fraca demais...

De início, habitei a ponta de uma agulha. O cientista, com o microscópio mais possante, conseguia ver apenas as cordilheiras desse meu mundo que, aos meus olhos, eram tão grandes, tão desconhecidas quanto as Cordilheiras Andinas. Vi numa laranja, num grão de areia, nas moléculas do ar, no cérebro dos homens. Tomei parte na "fabricação" dos seus pensamentos e como me era fácil compreendê-los. Como sabia vibrar para lhe dar conhecimento da espécie de ideia, da qualidade de seu pensamento! Cada um tinha a sua vibração especial! Os movimentos da alegria produziam o efeito igual ao de que olha a vida por um caleidoscópio.

Com a inveja, com o ódio, eu rodopiava, rodava, avançando rápida e indefinidamente, semelhante as rodas de uma locomotiva que sai de uma estação para outra em lugar indeterminado. As vibrações do tédio eram lentas, monótonas como o tic-tac dos relógios. As do orgulho eram solenes e impressionantes, as do amor tinham a graça dos minuets e a leveza de um ballet. Raras vezes tomei parte no ballet e nunca dancei o minueto...

Nunca mais senti a magia das cores na movimentação daquele caleidoscópio...

Compreendi, porém, que o meu mundo cerebral tinha evoluído e tinha tomado parte no ballet e acompanhado as caleidoscópicas vibrações quando aquele cérebro era de uma criança...

Aborrecido de viver na tediosa monotonia de um pêndulo de relógio, de viajar acelerada e indeterminadamente no vazio, de acompanhar solenemente enterros constantes, abandonei o cérebro do homem, sabendo que ele poderia conhecer os pensamentos e sentimentos dos semelhantes se conhecesse, como eu conheci, todas as espécies de vibrações.

Sai com medo...
Sai com medo para morrer.
Caí num átomo.
Caí num átomo e mataram-me.
Desintegraram-no...
E... o animal, que me matou, foi o homem.
Fpolis, 3/7/1947.

Orador: Otávio da Costa Pereira.

Bibliotecário: Jovelino Savi.

Conselho Fiscal:
Hamilton Hildebrand.

Almir Rosa.

João Rodrigues de Araújo.

Sendo o que se nos apresenta no momento, trazemos a V. Excia. as nossas saudações acadêmicas.

Hamilton Valente Ferreira — Presidente.

Hélio Saciloti de Oliveira — 1º Secretário.

Gratos pela comunicação, desejamos, ao novo Diretorio, muitas felicidades.

ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO BRASIL

Seção de Santa Catarina

RESUMIDA HISTÓRIA DA "SCATOLETAGEM"

(Transcrito do "Saco B", boletim editado pelo IIIº Batalhão da F. E. B., quando em ação do fronte italiano).

Alguns indivíduos, pouco avisados poderão pensar que este tão comentado processo de comércio surgiu com o desembarque de tropas N. A. em terras itálicas, isto porque, os yankees, depois dos turcos, são incontestavelmente os maiores comerciantes do mundo. Entretanto, os que assim pensam incorrem em grave erro e provavelmente não se deram ao trabalho de recomemorar os fatos do passado e a história das guerras, principalmente. Infelizmente não se pode precisar a época em que surgiu esta modalidade de comércio. Já na pre-história, os pais faziam scatoleta das finhas casaduras, vendendo-as para os "bromis" daqueles tempos; séculos depois, no tempo dos nossos avós, já se dava ao contrário: os pais compravam maridos com o que se denominou dote, coisa que hoje em dia (infelizmente) quase não se usa. Quem casar hoje em dia leva só o "aquaxi", neça de gata.

De toda forma, havia a "scatoletagem": a) — quando as mulheres eram valorizadas, os pais "toravam nas granas"; b) — com a inflação, os "marmanjos" é que se "toravam". Hoje em dia, nem dinheiro adianta; somente resolve um "trabaiinho" com exum e etc... Os homens modernos são mais desgraçados, não tem nem a menos o dote para contrabalançar.

Voltamos à scatoletagem: o que foi o cavalo de Troia si não uma gigantesca scatoleta que os gregos dos troianos compraram? Até parece as carteiras de F. Morris, cheias de papel que o mestre praca vende aos italianos. Este fato do cavalo nos leva a crer que os troianos não possuíam uma barreira de M. P. nas portas das muralhas, para examinarem e tomarem nota das naturezas que entravam e e saíam. Neste tocante, salve o Depósito!!!! Aqui ele não passa. Cleopatra também apareceu ao Cesar em forma de scatoleta, envolta em um tapete. E que scatoleta... infelizmente não existe, em tempos modernos, tão agradável scatoletagem. É de concluir que é um comércio tão velho que já está decadente.

Embora o portador do tapete fosse um escravo negro, os seus irmãos na cor da N. C. e que são considerados hoje em dia os maiores no ramo, não possuem classe igual. Na literatura antiga se encontra exemplos como este: Pausito, com oitenta anos, enamora-se de uma "ragazza" e faz scatoleta de sua própria alma, vendendo-a ao demônio, em troca do rejuvenescimento. Nota-se que, de forma alguma os M. P. poderiam prendê-lo, pois a sua alma era "roba" bem sua e não tinha sido comprada na cantina. É uma scatoletagem que se pode de limpa, mas

4º CONCURSO "LIVRARIA ROSA"

Com a presença dos membros da Direção desta Folha e outras pessoas interessadas, foi efetuada a apuração do 3º concurso patrocinado pela conceituada "LIVRARIA ROSA", estabelecida à rua Deodoro, n. 33, nesta capital.

"O denominador comum", da autoria de Roberto Machado, alcançou a maior votação e o brinde sorteado entre os leitores, coube ao sr. Hidalgo Araujo, funcionário do banco Inco.

Além do artigo premiado, outros trabalhos foram muito votados:

"O Declamador", de Silveira Jr.; "A gaiola de ouro ou a amplidão do azul", de Anibal Nunes Pires e "Poesia rimada e poesia moderna", de A. Ronila. Em prosseguimento aos concursos, a LIVRARIA ROSA continua a distribuir os dois livros mensais: Um para o autor do trabalho que alcançar maior número de votos, seja de que gênero for, outro para ser sorteado entre os leitores votantes no trabalho premiado.

BASES DO CONCURSO

- 1) — Enviar o coupon abaixo até 15 dias depois da saída do jornal, para a direção desta folha, à rua Padre Miguelinho 17.
- 2) — Ao receber-se o coupon, será o mesmo registrado e numerado por ordem de recebimento.
- 3) — A apuração será feita pela direção do jornal após a extinção do prazo estipulado, sendo permitida a entrada de qualquer pessoa interessada.

4º CONCURSO "LIVRARIA ROSA" NR

Título do trabalho
 Nome ou pseudônimo do autor
 Nome do leitor
 Endereço

UM DOCE PARA QUEM ADIVINHAR

A. Paladino

...Nosso "peixinho" de hoje é filósofo, meus senhores. Filósofo ou... Bem, não faz mal nenhum a gente dizer que é filósofo: a palavra "filósofo", aqui em Florianópolis, está tão baratinha, tão baratinha...

Sou um herói, meus senhores: consegui ir até o fim do livro desse nosso "peixinho" de hoje... Mas que besteira que eu fiz, anjos do inferno! Que besteira! Não se entende patavina! Só tem conversa desconversada, só tem lorotas, só tem tapeação.

Mais comico ainda, meus senhores: Quando algum "trouxa" exige uma explicação, o nosso "peixinho", à maneira dos feiticeiros do Gíbi, desenha naviosinhos, desenha bonequinhos, faz mandingas, fala, gesticula e pronto, meus senhores, a explicação está dada... Uma nota: o "trouxa" sai dali compreendendo menos do que compreendia... Outra nota, meus senhores: velhos e novos, um punhado de "espertinhos", cairam na arapuca "destrebejada" do nosso filósofozinho. Deixaram-se ir no cordão dos "sabe-tudo".

Antes de terminar, uma explicação, meus senhores: eu não queria fazer o cartaz desse nosso filósofozinho, não. Eu não gosto de dizer "bonitezas" dos meninos bonzinhos. Mas ele mereceu, meus senhores. Acreditem se quiserem. Se não quiserem, não acreditem. Que ele mereceu, mereceu...

Ai está, pois, o nosso "peixinho" de hoje, prendadíssimos leitores: um caso raro, uma "preciosidade", perdida dentro desta nossa Cidade Esmeralda (o apelido é da Rádio Guarujá). Ao primeiro que adivinhar seu nome, eu darei um doce. Um doce "supimpa", "gostosíssimo". Dessas doces bonitinhos, durinhos, que se vende no Café Rio Branco a trinta centavos cada um...

hoje em dia desnecessária, porque felizmente, para os velhos, já surgiu o processo do Dr. Varonoff, que lhes permite fazerem uma regular figura com uma "bombina", por preço mais módico. Em última análise, o cientista russo foi assim como um concorrente que depreciou o comércio do infeliz Capeta, vendendo mais barato. E a "stezza" concorrência imposta ao nosso pracinha pelo negro americano. O comércio de Lucca está completamente estragado: cinquenta uma carteira de cigarros e "nom piú". Mama mia! Poderíamos citar ainda muitos exemplos, porém vamos finalizar com este: é fato sabido que na guerra 14-18 e principalmente no fim, os alemães usaram à larga material francês e inglês. O que é isto senão uma gigantesca scatoletagem? Estano ao par deste acontecimento é de admirar que exista (como aconteceu) um tribunal que condene um infeliz soldado americano, somente porque vendeu um simples G. M. C. para um cidadão que nem inimigo era, pois já tinha virado casaca e já se considerava aliado.

A "FOLHA" NOS ESPORTES

Direção de A. S. Carreirão

O CAMPEONATO DA CIDADE

Com o início do 2º turno, temos a comentar duas partidas, que bastante empolgaram a assistência, pela grande movimentação havida durante o desenrolar do jogo. A primeira, trata-se entre os esquadres representativos do Paula Ramos F. C. e do Avai F. C. Novamente o líder se encontrou com um outro adversário que pretendia derrubá-lo. Um adversário que se vinha exibindo com altas qualidades técnicas e composto de grandes valores individuais. A assistência que compareceu ao estádio da F. C. D. foi das maiores, aguardando um encontro em que o líder teria grandes dificuldades para vencer. Os torcedores paularamenses, por sua vez, esperavam uma desforra do encontro realizado no 1º turno. Mas, no entanto, não se sucedeu a previsão. O Paula Ramos apenas lutou com impetuosidade no primeiro período do encontro, decaindo consideravelmente na segunda fase. Não foi um lutador de fibra que disputasse do princípio ao fim. E o Avai aproveitou o fracasso da equipe contrária, dominou, assinalando três belíssimos tentos. O primeiro tempo do cotejo que marcava no placard o empate de 1 a 1, mostrava logo no reinício da peleja a contagem de 4 a 1. O tricolor da Práia de Fôra não se arciu no gramado como um sério concorrente ao título máximo do campeonato. Apresentava a sua linha intermediária, completamente inerte e, principalmente, o médio esquerdo Chocoiate que atuava bastante fraco. Sua linha atacante deixava-se, facilmente, marcar pelos defensores avaianos. O Avai F. C. se articulou, nesse jogo, e principalmente na segunda fase, como o melhor esquadrao disputante do campeonato cittadino. A sua defesa, segura e precisa, aniquilou os atacantes contrários. O ataque se exibiu bem, sendo bastante eficiente os seus ataques nos arremates finais. O árbitro, desse jogo, apitou regularmente, demonstrando algumas falhas, que chegaram a prejudicar sensivelmente o Paula Ramos.

A segunda, foi entre o Paula Ramos e o Caravana do Ar. Esse encontro desenvolveu-se esplendidamente oferecendo a assistência um futebol bem praticado. No primeiro tempo, o jogo apresentou-se bem equilibrado. Porém, no segundo período o tricolor da Práia de Fôra atuou melhor dominando completamente o esquadrao da Base Aérea. O escore no final da peleja marcou 2 tentos a 1 favorável ao Paula Ramos que na primeira fase perdia de 1 tento a zero goal de Chinês (contra). O conjunto tricolor articulou-se admiravelmente no desenrolar. A sua defesa esteve bem segura, salientando-se Naidi e Chocoiate que atuaram excelentemente. O ataque agiu bem, figurando em 1º plano o player Mandico, o autor do goal da vitória. Foi sem dúvida um conjunto que lutou os noventa minutos da pugna com entusiasmo e técnica, demonstrando ao público desportivo de nossa capital, um esquadrao que está a altura de vencer o nosso campeonato.

O Caravana do Ar só demonstrou jogo na primeira fase da contenda, caindo de produção no segundo half-time, facilitando assim o domínio do Paula Ramos.

O apitador desse encontro, arbitrou com imparcialidade, notando-se, porém, algumas falhas que não chegaram a prejudicar no placard dos dois contendores.

UM "CRACK" POR MÊS

Jorge Katcipis

Defensor das cores do A. D. Colegial, Katcipis figura no gramado florianopolitano como um dos melhores zagueiros de Santa Catarina. Dotado de altas qualidades técnicas, Katcipis sempre se revela como um perfeito atleta do esporte-rei. Como defensor do clube a que pertence, Katcipis tem dado muitas vitórias, por se portar como jogador número um no gramado. É um verdadeiro limpador de área, que, em horas de pânico contra a sua cidade, salva com grande

maestria o perigo apresentado. Cabeceador por excelência, Katcipis inutiliza, quase sempre, todas as jogadas desenvolvidas pelo alto. Contando apenas 22 anos de idade, sua pequena carreira esportiva é das mais brilhantes. Começou aos 14 anos, disputando os campeonatos internos do Ginásio Catarinense. O seu futebol desenvolvido, nessa época, já prometia, em vista das grandes qualidades técnicas e físicas apresentado pelo mesmo. Em 1943, disputou o campeonato de amadores da cidade, pelo Bocaíva E. C. Em 1944 e 1945, pelo A. D. Colegial. Em 1946, pelo Clube Atlético Catarinense. E neste ano, finalmente, disputa pelo seu ex-esquadrao, o A. D. Colegial. E durante este ano que Katcipis se apresenta com melhor sucesso, aparecendo nos gramados de nossa terra, como um dos craks de maior recurso do Estado.

GRÊMIO ESPORTIVO "INCO"

Recebemos do Grêmio Esportivo "Inco" a seguinte comunicação: "Temos o prazer de comunicar a Vv. ss. que em 28 de agosto p. passado foi fundado, nesta cidade o "Grêmio Esportivo Inco", de caráter recreativo e esportivo e que, em assembleia geral realizada na data acima, foi eleita e empossada a seguinte diretoria: Presidente de honra — Acari Silva, Presidente — Paulo M. Mendonça, Vice-presidente — Gerson Bosco; Secretário Geral — Sebastião Vieira; 1º secretário — Abel Capeta; 2º secretário — Zigomar Fernandes; Secretário de esportes — Armando Sylvio Carreirão; 1º tesoureiro — Acari Vieira; 2º tesoureiro — Artelino Perfeito".

Trata-se de uma novel agremiação, composta de elementos do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A., que praticará todos os esportes em nossa capital, fortalecendo, assim, o rol de clubes fundado em nossa terra.

Portanto, a essa nova associação a "Folha nos Esportes" se congratula, almejando os maiores votos de prosperidade.

BILHETES PAULISTAS

SÃO PAULO E AS SERENATAS

Renata Pallottini

São Paulo das serenatas e dos seresteiros. Oh! Que saudades! Um grupo de rapazes, alguns violões, se possível um violino e um coração transbordante de amor, eram os requisitos exigidos pela serenata. E relembram, os velhos paulistas, a romantica época das serenatas da veia São Paulo. As noites de lua... Foi depois de uma delas que papai pediu a mão de mamãe em casamento. Coitados, não?

Entretanto, dentre todas as histórias de serenatas famosas que chegaram até nós, nota-se a ausência absoluta de histórias de serenatas fracassadas. Mas, fracassadas por que? — perguntará o leitor. For uma das razões seguintes, por exemplo:

Imagme-se um grupo de mocinhos munidos de violões, violinos, e numa vontade de arejar os pulmões. Chega-se à casa da donzela. A rapaziada ataca uma valsa sentimental, e depois o infalível:

"Acorda, abre a janela Estela!..."

Nada. A Estela não acorda nem abre a janela. Silêncio do cemitério. Mais valsa. E nada. Agora, uma canção antiga. Ainda nada.

Por fim, cansado, o Romeu desiste. E no dia seguinte vem a saber que a família toda fora a uma festinha em casa da Lulú, e como havia ficado tarde, "pousou" lá. Caso típico de serenata "errada"...

Pode ser também uma corda de violão que rebenta; um cachorro que late insistentemente, indignado por não ter sido convidado para o coro; uma chuva, mandada por São Pedro, já de cima; ou mesmo uma chuva mais terrível, indignada, mandada pelo "papá" — chuva, sob a forma de uma bala de canhão.

"ROSÁCEA SEM LUZ"

José Medeiros Vieira
(do Clube de Cooperação Cultural)

Marcê da gentileza do meu dileto amigo e consócio do C. C. C., Dr. Vital Nunes Pires, ensajou-se-me oportunidade de ler "Rosácea sem Luz", de Goulart de Oliveira. — E é, ainda por adivir desse mesmo distinto ceceista que passo a alinhar, para estas colunas, minhas primeiras impressões sobre a leitura que fiz.

— O que, antes de tudo, chama a atenção do leitor é que o livro foi editado, graças à iniciativa particular de amigos do autor, os quais, não podendo compreender "ficassem esquecidos como vegetais, rotundos poemas, reflexos do Espírito e da Emoção" do poeta, começaram e os publicaram como "prova comovida da sua admirativa atenção". Tal fato já equivale, muito justamente, a uma recomendação, tanto mais que, entre os referidos amigos do autor, destaca-se, num rol de nomes todos nusures, um Ademir Tavares, por exemplo...

Entrô porem, sem mais prologos a analisar "ROSÁCEA SEM LUZ"; ou melhor tentarei fazê-lo...

— Para os reacionários, em matéria de arte, o modernismo não passa de um engrunção, engrunção e nada mais. (— Claro, leitor, que na também reacionários em arte...) Que coisa a peste da reação ainda não contaminou? Arte em geral. Literatura. Jornalismo. Política. Arte e Rengião! Foram "catônicos" reacionários que condenaram ao ostracismo, por exemplo, um Pe. Humberto Ronnen, um dos maiores escritores nacionais contemporâneos, assim considerado ate por acadêmicos, catarienses por sina, apostolo incansavel da boa imprensa, cuja pena esteve sempre enristada a serviço da causa crista... Catônicos reacionários que obrigaram Georges Bernanos a uma verdadeira quarentena, durante todo o tempo em que o eminente intelectual, catonco francês, esteve domicinado no Brasil. Catônicos reacionários todos quantos se obstinam em ignorar um Jacques Maritain e em fazer conciencia mouca a mensagem de que se rez pregoeiro, entre nos, um Tristão de Ataíde... Catônicos reacionários os que, rarisarica ou obtusamente, a pretexto de combater o comunismo, servem descarada ou peccadamente ao fascismo, o qual, plagiando renix, exurgiu das proprias cinzas da 2ª Grande Guerra, como se os catônicos — que, ja por uma questão de coerencia, não podemos professar uma doutrina materialista —, pudessmos, to-gavia, servir a uma doutrina pseudo-espiritualista, que, por caminho gopismo politico, se dá a infantia de invocar sacrilegamente o nome santissimo de Deus, que é o que fazem os ex-nomens da chamada "direita".

— Urge porém, deixar os atalhos laterais e regressar à estrada real... O veneravel beaterio local (que, a manelra de todo o beaterio, deve ser "mensuco" — usando do qualificativo do illustre jesuita português Pe. João Mendes) já deve ter demorado fazer comigo o que a sinagoga de Amsterdam fez com Spinoza...

— Estava dizendo acima, para os reacionários, em matéria de arte, o modernismo não passa de um engrunção.

— "Rosácea sem Luz", cujas memores páginas são exatamente as modernistas, constitui apreciavel desmentido a esse preconceito ja hoje rançado.

"Rosácea sem luz"...

O leitor já repousou o pensamento na quietude e na poesia contidas nesta linda figura de linguagem — "Rosácea sem Luz"?... Um solene e poncromo vital de igreja, a nora em que a penumbra do crepusculo, suavemente, a pouco e pouco, vai esmaecendo o esplendor do dia?

"Era a rosácea que sonhei
talhada num capricho de rasetas
de cristal,
palmes, corais, violistas,
em formatos que imaginei,
em matizes,
mais ou menos felizes,
a consubstanciação do meu ideal.

E eu pressentia
com a goiza alegria
os languidos desmaios
dos seus raios
em tons de rosa, de topazio e de ametista.

"...eu via
brunidos tons de porcelana e louça
entrê rútilas cintilações
de esmeraldas, berrios, rubis,
numa explosão de gamas e reflexo,
como linguas de fogo,
que se esgueiravam
logo,
em convulsões
e em ampixes
se apagavam
depois, leves, sutis.

"...a alma eleita
do criador de beieza
fez surgir da colheita
na gama cambiante, colorida
suas unicas aspirações
de grandeza,
na vida.
E tudo poderá êle fazer
nascer
do mistério insondável
da luz imortal,
coada no tecido imponderável
do cristal!

"...Ei-la pronta a rosácea,
Entanto, entretecida
para gaudio da sombra...
E o inverno veio
Com a sua meia-tinta violácea
E colheu no seu seio
a alma trãnsida"...
..."E de alma inquieta,
O poeta
conserva, lá no fundo,
todo o seu mundo
de ilusão:
e, transido, aperta
nas paredes do peito o coração,
como em nave deserta
— a rosácea sem luz..."

— Esse poema deu nome ao livro. Há inúmeros outros, entretanto, dignos de especial menção. "Poente" por exemplo, é uma página extraordinária, tendo a ilustração expressiva gravada de Eric Nice, a qual, como as demais que alegorizam diversos capítulos da obra, é de

Ao fundo, escaveirado, o sol beirando os abismos do horizonte, nos espasmos de luz dos derradeiros estertotes, antes que o amortalie de uma vez o sudario do crepusculo... Em baixo, no primeiro plano, uma silhueta humana. A gusa de legenda este verso tirado do próprio poema: "Vai começar a agonia do sol"! A falta de espaço inibe-me de transcrever a página inteira que é simplesmente notavel. Que poeta ainda não glosou este velho "leit-motiv"? Quem, porem, já o fez interpretando esta festa diaria de luminosidades e de cores que é o ocaso? como Goulart de Oliveira?

"Vai começar a agonia do sol!
Toca-me a face o primeiro sópro
frio,
que a brisa me traz,
como um seguro presságio
de morte,
para os lados do ocaso
há um suntuoso desperdício de cor,
um exagerado aparato de luz
e de côr
denunciando
um mal contido elan
dos que pressentem
que uma vida se esvai.
A distancia, o vento
vai amontoando
vultas roupagens violáceas
panejamentos moles, sererinos,
gazas, espumejando,
como frocos
muito brancos...
Como se cuidasse alguém
da urdiura piedosa
de uma larga mortalha..."

"Minhas horas de angustia", dado o original impressionismo das comparações chama também a atenção do leitor:

"Minhas horas de angustia"
evocam
velas rotas
transidas de pavor
jogadas pelo vento na fúria do temporal
Arvores abandonadas
nas alamedas vazias,
que se parecem persignar
quando passa, deitando,
a ronda triste das ventanias...
Barcos fraquinhos, cochilando
o seu medo
junto ao velho muro do caes,
contando os minutos que faltam
para a hora de largar,
de partir para o mar
imenso,
prodigioso,
enganador,
meditando no talvez,
no jamais...

"Meus instantes de angustia
lemoram
passáros desarropegados
voando no escuro,
grandes passáros negros
no vazio do ceu
sem passáros...
Minhas queridas angustias
são como aves agourelas
debruçadas para a luz
crepitando
mortiça,
piscando
no oco da escuridão,
denunciando
muda,
as tragédias anônimas
dos "ninguens..."

E Teia Mágica, quanta riqueza de idéias e que primor de expressão!

"...Há no mais alto andar no meu arranha céu
num recanto vazio, um estranho aranhol,
onde por dia e noite se entretece
uma teia subtil, um adensado véu
que sobre a minha vida espesso desce
e para o qual procuro, em vao, remédio.

Ô! enigma cruel dêsse estranho aranhol
dessa teia finissima de aranna!
rêtem a filigrana o pó ruivo do sol,
fitra a poeira acourada e geida da lua
que instila deshumana e perfida insinua
— cocaina subtil, ópio mago e divino —
no labirinto atroz do meu ser ja vencido
Esse o pó visceral, o pó do meu destino que me fez sonha-
dor incompreendido.

— E talvez continuasse pervagando "Rosácea sem Luz" não fora ter que pingar o ponto final, o que aliás, não será sem tempo. Já abusei demasiado da magnanimidade dêsse brilhante e promissor cultor des belas leiras que e o jovem poeta moderno Salim Miguel a cujo convite devo poder colaborar na "Folha da Juventude"; bern... urge concluir o que vinha rabiscando sobre outro poeta: Goulart de Oliveira.

... Com efeito, ao depois de embever-me, lendo essas formosas páginas de "Rosácea sem Luz", quero-me, pensando a respeito do seu autor:

"E tudo pode êle fazer
nascer
do mistério insondável
da luz imortal,
coada no tecido imponderável
do cristal!

Que há não possa
A alma moça,
Um dia,
Farde ou cedo,
Arrancar do segredo
Da sua fantasia o